

## **Vieira, a Amazônia e o Mundo Profetizado**

Vieira, the Amazon and the Prophetic World

**Geraldo Mártires Coelho**

Universidade Federal do Pará

**RESUMO:** Os anos que Vieira passou na Amazônia (Maranhão e no Pará), compreendidos entre 1653 e 1661, foram fundamentais para a sua visão profética da história de Portugal. O Quinto Império pensado por Vieira, futuro profetizado da história de Portugal, foi em grande parte pensado quando Vieira estava na Amazônia. Este artigo procura trabalhar alguns dos componentes da natureza profética do pensamento vieiriano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eleição; Profecia; Império do Verbo; Quinto Império; Corpo Místico.

**ABSTRACT:** The years that Vieira spent in the Amazon (in Maranhao and Para), between 1653 and 1661, were fundamental for his prophetic vision of Portugal's history. The Fifth Empire imagined by Vieira, the future prophesied by the history of Portugal, was in large part conceptualized when Vieira was in the Amazon. This article seeks to elaborate some of the prophetic aspects of Vieira's thought.

**KEYWORDS:** Election; Prophecy; Empire of the Word; Fifth Empire; Mystical Body.

Breve, mas intensa, foi tanto a passagem quanto a experiência de Antônio Vieira pela Amazônia do século XVII, um gigantesco território que abrigava os atuais domínios do Pará, do Amazonas e do Maranhão. Nesses cenários tropicais, entre 1653 e 1661, dar-se-iam alguns dos mais vivos e conflitantes processos do missionarismo jesuítico no Brasil colonial. Afinal, com seus milhares de índios, a Amazônia parecia figurar na condição dos *genus angelicum*, do mundo beatificado de almas à espera da chegada da Palavra e da Instauração do Verbo, almas passíveis da catequese que as levaria ao encontro do Evangelho. Ao chegar a São Luís do Maranhão, em 1653, procedente de Lisboa, Vieira daria início a um apostolado altamente complexo, em razão das reações que, no Maranhão e no Grão-Pará, enfrentaria a Companhia de Jesus por parte dos colonos que não aceitavam a intervenção dos jesuítas em defesa do não-cativeiro indígena.

Por outro lado, o do messianismo de Vieira e das suas aspirações a um Estado cristão universal, parece ser indiscutível o lugar que o Maranhão, o Pará em suma, a Amazônia seiscentista ocupou na engrenagem, a um só tempo histórica e teológico-política, das maquinações de Vieira com vistas a um imperialismo cristológico talhado pelos portugueses. Não sem sentido, portanto, pergunta-se João Lúcio de Azevedo relativamente aos objetivos de Vieira: chegado ao Maranhão, nada impedia que o “grande visionário descortinasse, num futuro próximo, as incontáveis gentilidades do Amazonas totalmente sujeitas à sua Ordem; e logo mais um império mais vasto, religioso e temporal (...). Não seria este um sólido alicerce para o *Quinto Império do Mundo* [grifos do autor] já então desenhado e vivaz na ebulição constante de seu cérebro?”<sup>1</sup>

Assim, a importância da presença da Companhia de Jesus na Amazônia não responde tão-somente pela relação entre os jesuítas e o grande edifício missionário da catequese indígena *tout court*, mas, igualmente, pelo lugar e pelo papel que o extremo-norte brasileiro ocuparia na história da edificação cristológica inaciana e na definição do sistema profético de Antônio Vieira, o Quinto Império. Como, em última análise, tratam-se de realidades interativas e reflexivas, falar da presença jesuítica no norte

do Brasil não é apenas tratar das missões como espaços e práticas da catequese; é, também, penetrar no edifício mental elevado por Vieira para mais alto proclamar as suas visões teológicas do devir, ao qual estava anunciado o Império do Verbo, e como esses dois níveis de uma mesma práxis relacionaram-se.

\* \* \*

A existência, profetizada, do Novo Mundo, e em particular do Brasil, Vieira buscou-a a Isaías (Isaías:18), quando o profeta se refere às terras “além dos rios da Etiópia”, profecia não decifrada pelos “intérpretes antigos”, já que estes não conseguiram vislumbrar que terras eram aquelas. Proclama, então, Vieira, ele mesmo intérprete e profeta: “digo primeiramente, que o Texto de Isaías se entende do Brasil, porque o Brasil é a terra que diretamente está além e da outra banda da Etiópia, como diz o Profeta...”<sup>2</sup>, terra que o Espírito Santo reservara à Palavra, no que o pregador atrelava o expansionismo mercantil lusitano à condição do português, povo eleito na sementeira do Verbo e na configuração do corpo empírico do proclamado Quinto Império vieiriano. Veja-se, nesse sentido, a fulgurância das imagens reunidas no *Sermão da Epifania* (1662), quando o pregador sentencia:

...digo que esta nova terra e estes novos Céus, são as terras e os Céus do Mundo Novo descoberto pelos Portugueses. Não é verdade que quando os nossos Argonautas começaram e prosseguiram as suas primeiras navegações iam juntamente descobrindo novas terras, novos mares, novos climas, novos Céus, novas Estrelas? (...) E porque o fim deste novo descobrimento ou desta nova criação era a Igreja também nova que Deus pretendia fundar no mesmo Novo Mundo, acrescentou logo (pelo mesmo Profeta e pelos mesmos termos) que havia também de criar uma nova Jerusalém, isto é, uma nova Igreja...<sup>3</sup>

Assim, a parenética de Vieira revela que os passos dados no que seria a invenção e a dilatação do Portugal Império eram, porque profeticamente anunciados, os mesmos da universalização da Fé, o que, para o autor da *História do Futuro*, manifestava a Eleição e o apostolado lusitano na mundialização da Palavra. Já dizia, a esse propósito, Vieira, no *Sermão de Santo Antônio*, pregado em Roma, na Igreja dos Portugueses, que “o brasão de nascer português era obrigação de morrer peregrino”<sup>4</sup>, uma peregrinação-evangelização voltada para a realização do triunfo último da Palavra. Afinal, como na *História do Futuro* ainda observou Vieira, sabiam os portugueses:

que tinha Cristo prometido ao seu primeiro Rei,  
que os escolhera para Argonautas Apostólicos do  
seu Evangelho, e para levarem seu nome, e fundarem  
o seu Império entre gentes remotas e não conhecidas,  
e esta fé os animava nos trabalhos<sup>5</sup> ....

Em Vieira, o nascimento de Portugal como monarquia e o seu próprio devir, a sua História, como referido em passagens anteriores, é primeiro Eleição: expandir universalmente a Palavra pela constituição do *imperium*, corpo empírico e representação histórica do Credo, era o destino crístico lusitano. Nos quadros da profética imaginação social portuguesa, bem viva e atuante em meados de Seiscentos, não é de se estranhar que no início do reinado de D. João IV, uma atmosfera escatológica e triunfalista simbolizava seu avatar com uma apoteótica reabilitação das profecias do Bandarra e do messianismo sebastianista, numa Europa, aliás, tocada por uma nova onda do milenarismo joaquimita.<sup>6</sup>

Dito de outro modo, o grande pregador não concebeu o seu Quinto Império tão-somente a partir de uma interpretação da conhecida profecia de Daniel e na condição de um *tropo* que se esgotava nos limites canônicos do texto e do tempo escritural. Mesmo não podendo ser apontado como criatura do criticismo

racionalista de um Bodin ou de um Spinoza relativamente a um significado fático subjacente ao composto cultural da narrativa testamentária, o sentido, o *império vieiriano*, observada a genética da sua substância histórica, fora concebido, achava-se fundado sobre as realidades multiculturais reveladas pela expansão mercantilista da Europa moderna. Tal concretude histórica, repita-se, era aquela dos espaços antropológicos dados a conhecer pela expansão colonial lusitana entre os séculos XV e XVII, principalmente, no caso de Vieira, as sociedades tribais brasileiras, às quais, *invencíveis na sua ignorância a Deus*, não havia chegado a Palavra.

Note-se, contudo, e porque o Quinto Império seria um único *Reino de Cristo na Terra Consumado*, foi antes referido que ao seu *corpus* integrar-se-iam também aqueles que, criaturas do Senhor, eram, contudo, professos de um Credo que não o de Roma, como os turcos e os judeus, estes últimos ainda em diáspora imposta pelo poder e pelas razões de Estado na Península Ibérica. Judeus e *cristãos novos* foram, igualmente, objeto de um olhar mais estratégico, político, de Vieira quando ele advogava junto à Coroa as franquias para o retorno deles – e de seus cabedais – a Portugal. Visto a vôo de pássaro, o Quinto Império, no ponto em que Profecia e História se encontram, seria, a um só tempo, o espaço de um novo, fortalecido, europeu e transoceânico Portugal, e igualmente o *locus* de remissão das almas que, antes sem Luz ou ao seu desconhecimento, passariam a criaturas do Verbo, reunidos na grande mesa da comunhão do império crístico e lusitano profetizado por Antônio Vieira.

Afora suas missões diplomáticas, sacerdotais e políticas na Europa, como sua estada na Holanda, na França e na Itália, o principal do mundo que as peregrinações de Vieira viveram e deram vida foi o Brasil, principalmente a Bahia, o Maranhão e o Pará, o espaço univocamente histórico e canônico do missionarismo da Companhia de Jesus. Esses vastos domínios do Brasil setentrional foram cortados pelos passos de Antônio Vieira, quer os do peregrino da Palavra, quer os do professo do Humanismo. A

grandiosidade dos cenários físicos do trópico brasileiro, teatro de uma natureza onde parecia representar-se o tempo da criação do mundo, e também universo orgânico habitado por milhares de almas estranhas ao Evangelho, conferiria à Amazônia uma dimensão especial no corpo do pensamento profético vieiriano, como bem revelam as imagens espelhadas na chamada e “enigmática” *História do Futuro*, na verdade, parte substancial da não totalmente conhecida *Clavis Prophetarum*, corpo por excelência do grande monumento histórico-teológico erguido pelo discurso profético de Antônio Vieira.<sup>7</sup>

A longa, profunda e humana experiência desenvolvida por Antônio Vieira no Brasil, seu conhecimento das sociedades tribais, sua percepção e intervenção nos choques culturais entre índios e colonizadores, e, pairando por sobre as realidades empíricas da *res mundi*, o apostolado do Verbo, a edificação da Igreja, a semeadura da Palavra, encarnaram a sua figura em plenitude. Em 1614, com oito anos de idade, Antônio Vieira já está na Bahia, freqüentando o Colégio dos Jesuítas; em 1623, chega como noviço à Companhia de Jesus, ponto de partida de um magistério voltado à semeadura da Palavra de Cristo e ao triunfo universal da Sua Igreja, o que ele fez em cenários sociais e culturais bem distintos, como as cortes que freqüentou na Europa e as selvas que habitou no Brasil. Em qualquer dessas latitudes culturais Antônio Vieira houve-se como um mensageiro do Verbo, inclusive esgrimido sua exegese, quando preciso, por meio de figuras dotadas de rigor político em sua representação, retórica modelada e encenada, como nos *Sermões*, pelo teatro das palavras no barroco e pela reverberação dos universais consagrados pelo Humanismo.

Foi precisamente na Amazônia, no que seria, à época, o Pará e o Maranhão, que Antônio Vieira, entre 1653 e 1661, investiu profundamente na concretização do seu *élan* missionário. Sempre fundado na leitura do Livro de Isaías, Vieira encontra nas figuras da profecia a razão canônica – e, claro, humanística, quando, à

Montaigne, relativiza a antropofagia – da catequese, da evangelização do indígena, da sua conversão em ovelha do rebanho do Senhor. Em Isaías, “Cronista de Portugal e suas conquistas”, escreveu Vieira, encontrou o pregador a identidade canônica dos índios do norte do Brasil. Fiel ao profetismo milenarista joaquimita, um dos suportes teológicos da escatologia jesuítica, Vieira tomou as populações indígenas do setentrão brasileiro – e do Brasil do missionarismo inaciano como um todo – em sua identidade de encarnação do *genus angelicum*, o estado de pureza anunciador do estado de graça a dominar o futuro Império do Mundo ou o Quinto Império. Reza, a esse propósito, Vieira, na *História do Futuro*:

Continua Isaías a sua descrição, e diz que os habitantes desta Província são gente arrancada e despedaçada [pela ação dos colonos em seu avanço sobre a terra]; e só o Espírito Santo poderá recopilar em duas palavras a história e última fortuna daquela gente (...). Deixo muitos outros lugares [à descrição] do Profeta Isaías, o qual verdadeiramente se pode contar entre os Cronistas de Portugal, segundo fala muitas vezes nas espirituais conquistas dos Portugueses, e nas gentes e nações que por seus Pregadores se converterão à Fé...<sup>8</sup>

Os domínios setentrionais do Brasil ocupariam, assim, um lugar destacado no pensamento simbólico de Antônio Vieira, precisamente o Grão-Pará e o Maranhão, espaços da amplíssima e planetária Amazônia, partes do universal, terreno e ao mesmo tempo cristológico Quinto Império esculpido pela exegese e pela hermenêutica testamentárias vieiriana. Afinal, o Brasil, como foi antes referido, e nele compreendida a Amazônia, foram, o todo e a parte, anunciados, profetizados por Isaías, 18. A leitura canônica da Escritura feita por Vieira conferiu figuração empírica, no presente, ao que fora buscado como antevisão no passado e

escrita de uma história, esta a consumir-se no futuro. Pela designação genérica de *Maranhão*, assim figura a Amazônia, no caso, repita-se, o Maranhão e o Pará, no cenário impressionista que Antônio Vieira pintou à luz da Escritura:

...e esta gente, e esta Província, mostraremos agora que é a que com toda a propriedade chamamos Maranhão, que por ser tão pouco conhecida, e menos nomeada dos Escritores, não é muito que a falta de suas notícias lhe tivesse até agora escurecido, e divertido a honra deste famoso Oráculo do mais ilustre Profeta, que tão expressamente tinha falado nesta gente. Diz pois o Profeta que são estes homens uma gente, a quem os rios lhe roubaram a sua terra (...) E é admirável a propriedade desta diferença, porque em toda aquela terra, em que os rios são infinitos, e os maiores, e mais caudalosos do mundo, quase todos os campos estão alagados, e cobertos de água doce, não se vendo em muitas jornadas, mais que bosques, palmares e arvoredos altíssimos, todos com as raízes, e troncos metidos na água (...) E posto que estes alagadiços sejam ordinários em toda aquela costa, vê-se esta destroço, e roubo, que os rios fizeram à terra, muito mais particularmente naquele vastíssimo Arquipélago do rio chamado Orellana, e agora das Amazonas...<sup>9</sup>

Quer como arquiteto da obra física da Igreja, quer como edificador da obra espiritual da Palavra, Vieira peregrinou, pregou e semeou durante esses anos em meio ao universo daqueles que, em “pecado filosófico”, ou seja, ao desconhecimento do Verbo, formavam o rebanho que deveria ser tangido ao encontro da Igreja de Cristo. Esse foi o cenário cristológico onde, como discurso elaborado, nasceu *Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo, Primeira e Segunda Vida del-Rey D. João o Quarto Escritas por Gonçalo Eanes Bandarra*, na forma da carta que Antônio Vieira

escreveu a 29 de abril de 1659 ao jesuíta André Fernandes, bispo nomeado do Japão, documento a que o pregador deu forma estando ele em Camutá (hoje, Cametá), num ponto da floresta amazônica situado nas confluências dos rios Amazonas e Tocantins. Vinha mais claramente à cena, com as mais diferentes formas de repercussão, um pensamento teológico-histórico atrelado à envergadura do nome de Antônio Vieira, pensamento esse que recuperava as tradições proféticas e milenaristas portuguesas, na sua forma então mais conhecida, o já visto *sebastianismo*. Em *Esperanças de Portugal*, e segundo foi dada a carta a conhecer, D. João IV, e não mais D. Sebastião, animava o paradigma do rei *redivivus* e atualizava a origem cristológica de Portugal.

A carta escrita por Antônio Vieira ao bispo André Fernandes está diretamente relacionada à morte de D. João IV, em 1656, e tinha como fim externar à regente do trono de Portugal, D. Luísa de Gusmão, a solidariedade do pregador pela morte do rei. Ainda que Antônio Vieira, ao comparecer, em 1663, ao Tribunal da Inquisição de Coimbra, houvesse declarado que as preocupações intelectuais e doutrinárias que o levaram à concepção do Quinto Império remetessem, em suas origens, aos meados da década de 1640, foi com *Esperanças de Portugal* que tais preocupações assumiram uma dimensão pública. O comparecimento de Vieira às barras do Santo Ofício está atrelado ao conhecimento de *Esperanças de Portugal*, mas não só!

Somando-se às possíveis questões teológicas suscitadas pelo conteúdo messiânico de *Esperanças de Portugal*, estavam outras questões, estas da natureza do poder, reflexivas da orfandade política de Vieira com a morte de D. João IV em 1656. A desconstrução das estruturas do poder na forma como as havia encarnado D. João IV, facilitou a ação dos opositores de Antônio Vieira, no cenário da corte e no mundo eclesiástico lusitano, enfraquecendo-lhe, de forma duradoura, a ação missionária no Brasil. Em contrapartida, esse foi o tempo de Vieira em Roma, o tempo de retomada da sua reflexão messiânica sobre a *res mundi*,

tempo, enfim, do avanço na feitura da *Clavis Prophetarum*.

Voltando a *Esperanças de Portugal*, registre-se que por conta das peripécias que acompanharam os muitos percursos da carta, assim como pelas muitas mãos por onde transitaram suas folhas antes de chegarem ao seu destino<sup>10</sup>, o documento mandado por Vieira, aos cuidados do jesuíta André Fernandes, à D. Luísa de Gusmão, acabou chegando à Inquisição e passando à história com um título que lhe definia a natureza, o cânon de documento profético e profetizador: *Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo, Primeira e Segunda Vida del-Rei D. João o Quarto Escritas por Gonçalo Eanes Bandarra*. A considerar o discurso contido na sua *História do Futuro*, Vieira, àquela altura, já profetizara, porque escudado nas profecias, o destino do Portugal da Eleição, ao proclamar:

...é tal a tua [ de Portugal ] estrela (benignidade de Deus contigo deverá ser) que tudo o que leio de ti são grandezas, tudo o que descubro, melhora, tudo o que alcanço, felicidades. Isto é o que deves esperar, e isto que te espera; por isso em nome segundo, e mais declarado, chamo a esta mesma escritura de Esperanças de Portugal [grifo nosso], e este é o comento de toda a História do Futuro [grifo nosso]<sup>11</sup>.

A carta e seu lugar na trajetória do pensamento profético de Antônio Vieira, está claro, são vistos aqui *en passant*. O mesmo aplica-se à relação estabelecida entre o profetismo de Vieira e a espacialidade do Quinto Império, para cuja totalidade cercou-se de importância o espaço crístico e cristológico que Vieira certamente visualizou no Pará e no Maranhão dos gentios e das missões jesuíticas.

Com efeito, entrada a segunda metade do século XVII, mais ou menos à altura da expulsão de Vieira do Grão-Pará e Maranhão, os vinte e pouco jesuítas em ação no norte do Brasil haviam

avançado na construção do mundo dos índios livres. Diz, nesse sentido, João Lúcio de Azevedo, que os jesuítas estavam presentes em imenso território e agiam sobre uma expressiva população tribal. Em outras palavras, “onze aldeias de índios mansos no Maranhão e Gurupi; seis nas vizinhanças do Pará, sete no Tocantins, vinte e oito no Amazonas, constituíam por então o domínio efetivo dos jesuítas [que] sonhavam imperar em todo o imenso rio, ainda incógnito, que, no seu longo curso e nas inúmeras ramificações, era povoado de tantas e tão diversas gentes, matéria-prima escolhida da catequese”.<sup>12</sup>

Salientar dois pontos já considerados neste texto servirá de conclusão para o que foi exposto. Trata-se, primeiramente, do fato de Vieira haver recorrido às trovas quinhentistas do Bandarra, cujos versos ensombrecidos miravam a volta de um rei *encoberto* ao trono de Portugal, assim como cantavam o futuro grandioso do reino lusitano. Essas imagens, como antes referido, prestaram-se à profetização sebastianista, encarnada no retorno de D. Sebastião a Portugal, depois de sua morte nas areias de Alcácer-Quibir; já a leitura vieiriana, na forma como a sua carta chegaria à cena pública, atualizou, por assim dizer, o sentido figurado das *Trovas* do Bandarra, focando a volta de D. João IV ao trono português – o *encoberto*, no caso – cuja morte, como visto, ocorrera três anos antes de *Esperanças de Portugal* nascer da pena de Antônio Vieira. Interessa fixar, assim, como foi mencionado em outra oportunidade, que o profetismo de Vieira, se por um lado foi douto e canônico, por outro não deixou de refletir o *húmus* cultural lusitano.

Essa cadeia de signos alimentou e modelou historicamente uma imaginação social circular, cujos elos das suas cadeias de significados encontravam-se nos grupos e classes formadores da sociedade portuguesa saída da Idade Média. Verdadeiramente popular – no sentido do seu alcance – crente e profético, o engenhoso modo de olhar para o futuro de Portugal, existente e retrabalhado na memória coletiva lusitana, produziu as representações

culturais de cuja orgânica brotou a escatologia vieiriana.

O segundo ponto reitera o antes dito acerca da espacialidade do *Quinto Império*. Como o pensamento histórico não se constrói no vácuo, e como o *Reino de Cristo na Terra Consumado*, profetizado por Antônio Vieira, seria construído entre os homens, a experiência missionária de Vieira no Brasil, sobretudo no Maranhão e no Pará, foi, para tanto, fundamental. Ainda que a escrita vieiriana, sobretudo nos momentos em que o seu sermônário é reflexivo de sua vivência nos espaços amazônicos, não esteja subsumida a uma edênica representação terrena do Paraíso, ainda assim não há como desconhecer o impacto que o universo amazônico produziu na sensibilidade do grande jesuíta.

Da mesma forma, a encarnação do Quinto Império não se vale de uma exaltação descritiva ou devota do maravilhoso, a exemplo dos quadros dominantes na geografia fantástica que a Europa conheceu na passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Aliás, imagens e descrições imaginosas foram recorrentes em muitos relatos quinhentistas e seiscentistas sobre o vasto território amazônico, mas não figuraram na narrativa vieiriana focada sobre o Pará e o Maranhão. Antes, os espaços tropicais brasileiros, como é possível inferir de muitas figuras do discurso vieiriano, dimensionavam a grandeza do desafio apresentado ao trabalho, à missão, à sementeira da Palavra.

Aos espaços físicos de dimensões universalizadas do Brasil, juntavam-se as sociedades tribais, suas culturas, diversificadas línguas e diferentes falares, sobre as quais incidiria o ministério jesuítico da Palavra e da Igreja. A defesa do índio, feita por Vieira perante a Coroa portuguesa, já estava definida desde a chegada do pregador em São Luís, indicando que a posição de Vieira formara-se em seus primeiros anos da sua estada no Brasil. Em 1653, ano em que ele aportou em São Luís, e 1654, quando seguiu para Lisboa em defesa da liberdade dos índios, Vieira proclamava – na forma, a um só tempo, pedagógica e política, do *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma*<sup>13</sup> e do *Sermão de Santo Antônio (aos*

*Peixes*)<sup>14</sup> – a necessidade do fim dos cativeiros indígenas. E essa defesa, insista-se, não representava apenas um discurso elevando o tom da luta dos jesuítas pelo corpo livre do índio, mas refletia, igualmente, a dimensão humanística da *práxis* missionária vieiriana.

Para além dos sermões pregados nas igrejas do Maranhão e do Pará, Vieira combateu na trincheira política, defendendo a liberdade dos índios perante as Câmaras de São Luís e de Belém, mostrando, inclusive, que a mão de obra indígena, tornada cativa, não se prestava fisicamente a atividades produtivas, sendo elevado o número de óbitos entre os índios escravizados.<sup>15</sup> As respostas de Vieira aos *homens bons* de Belém, por exemplo, revelam que o pregador dispunha de uma percepção bem elaborada da relação entre cultura e trabalho, o que não era comum em seu tempo.<sup>16</sup> Em maio e julho de 1661, um levante de moradores de São Luís e de Belém, pressionados pelo combate dos inacionos contra a escravidão indígena, desmontou a presença dos jesuítas na Capitania. Depois de ser preso em Belém e mandado para São Luís, Vieira e muitos dos seus padres partiram para Lisboa.

A tensão entre os jesuítas e colonos, que acabaria levado à referida expulsão dos inacionos do Pará, pode ser medida, por exemplo, pelos sermões que Vieira pregou no Pará, sobretudo o *Sermão da Primeira Oitava da Páscoa*, pregado na matriz de Belém em 1656. Nessa oportunidade, o grande pregador investiu contra a aventura da procura de ouro no rio Pacajá, mostrando que as grandes verdadeiras minas do Amazonas, desse “Rio das Almazinhas”, a sua verdadeira riqueza, estava nos milhares de almas aptas a conhecer a Palavra e a integrar o rebanho de Cristo. Mais uma vez Vieira interpunha-se entre os índios e os agentes da colonização, em defesa do seu, a um só tempo, humanista e teológico sacerdócio.<sup>17</sup>

Na Lisboa de 1662, na Capela Real, perante a regente do futuro rei Afonso VI, D. Luísa Francisca de Gusmão, Vieira pregou o arrebatador *Sermão da Epifania*, um grito profundo para anunciar que o Anticristo chegara às terras do Verbo, plantadas no coração da floresta tropical brasileira.<sup>18</sup> A voz de Antônio

Vieira era reflexiva não só do acontecimento dramático que fora a expulsão dos jesuítas do Maranhão e do Grão-Pará; também as palavras do pregador, feitas chamas, iluminavam a ruína crística dos povos e das almas que habitavam aquele “arrabalde da América”. O *Sermão da Epifania* guarda o assombro retórico do autor da *História do Futuro* acerca do porvir do Quinto Império.

Em outras palavras, as figuras densas do *Sermão da Epifania*, independentemente das características formais, estilísticas, da retórica barroca e, neste caso, da oratória crepuscular do seu pregador, devem ser trabalhadas precisamente no que pontuam para além do teatro das palavras: o choque entre o imperialismo cristológico de Vieira, antes referido, e a perda, ainda que momentânea, de espaços históricos do *Corpus Christi*, vale dizer, do Império do Verbo na Amazônia seiscentista. Afinal, o extremo-norte do Brasil, com seus milhares de índios, abrigando missões que lançavam os fundamentos profetizados do Reino do Verbo, era a representação canônica dos espaços do *genus angelicum*, a dimensão empírica necessária à realização temporal do *Quinto Império*.

A encenação dramática com que, então, Vieira representou a saída dos jesuítas do Maranhão e Grão-Pará, emprestando ao fato um sentido que transcendia, a um só tempo, os limites impostos pela genética e pela morfologia de um conflito entre sujeitos do processo colonizador, remete para outro significado. E este acaba por iluminar o ponto de inflexão do acontecimento sobre o sistema profético, messiânico, que o pregador estava erigindo como um dos lugares mais elevados da teologia política no barroco português. Conhecer os ingredientes da escatologia do padre Vieira, desvelando as grandes visões que ele construiu e proclamou, permite compreender o porquê da dimensão quase apocalíptica conferida por ele à saída dos inacianos do norte do Brasil em 1661.

As palavras, ou melhor, as imagens e as figuras trabalhadas por Antônio Vieira saíam de suas já avançadas reflexões doutrinárias sobre um império cristológico que se consumaria na História e que instauraria a Esperança na Terra. Os cenários amazônicos, o teatro orgânico da natureza, pareciam figurar para Antônio

Vieira na condição de paisagem original, fundadora, que reunia, como partes de uma dimensão ao mesmo tempo divina e humana, Escritura, História e Escrita do mundo.<sup>19</sup> O profetismo de Antônio Vieira, por isso mesmo, não traduz qualquer forma de evasão ou de negação do seu autor relativamente ao *ser-no-mundo*; antes, o olhar com que Vieira voltava ao passado testamentário e se dirigia para o futuro profetizado, visualizando um império planetário agregador de sujeitos e culturas diferentes, reafirmava as lendas de um humanismo universalista, construído segundo os valores da tolerância e da alteridade.

---

## NOTAS

<sup>1</sup>AZEVEDO, João Lúcio de. *Os jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização*. Bosquejo histórico com vários documentos inéditos. 2.<sup>a</sup> ed. Belém: Secult, 1999, p. 64.

<sup>2</sup>VIEIRA, Antônio. *História do Futuro. Livro Antepimeiro*, p. 297-298.

<sup>3</sup>VIEIRA, Antônio, *Sermões* (org. Alcir Pécora). São Paulo: Hedra, t. 1, p. 596-597.

<sup>4</sup>Ib., p. 285.

<sup>5</sup>VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*, ed. cit., p. 81.

<sup>6</sup>PÉCORA, Alcir. *Teatro do Sacramento*. São Paulo: Edusp, 1994, p. 225.

<sup>7</sup>Cf. PELOSO, Silvano. *Antônio Vieira e o Império Universal*. Rio de Janeiro: De Letras, 2007, p. 27.

<sup>8</sup>VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*, ed. cit., p. 311-312.

<sup>9</sup>Ib., p. 300-301.

<sup>10</sup>Cf. BESSELAAR, José van den. *Antônio Vieira*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p. 33 e ss.

<sup>11</sup>Ib., p. 13.

<sup>12</sup>AZEVEDO, João Lúcio de. *Os jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização*. Bosquejo histórico com vários documentos inéditos. 2.<sup>a</sup> ed. Belém: Secult, 1999, p. 64-65.

<sup>13</sup>VIEIRA, Antônio. *Sermões*, ed. cit., t. 2, p. 451 e ss.

<sup>14</sup>Ib., t. 1, p. 317 e ss.

<sup>15</sup>COELHO, Geraldo Mártires. “A pátria do Anticristo: a expulsão dos jesuítas do Maranhão e Grão-Pará e o messianismo milenarista do Padre Vieira”, em *Luso-Brazilian Review*, (37), 1, p. 23-24.

<sup>16</sup>Cf. BERREDO [Bernardo Pereira]. *Anais históricos do Estado do Maranhão*. 3.<sup>a</sup> ed. Florença: Typ. Barbèra, 1905, t. II, p. 115-116.

<sup>17</sup>“Os sermões que Vieira pregou no Pará”, em MOREIRA, Eidorfe. *Obras reunidas*. Belém: Cejup, 1989, v. IV.

<sup>18</sup>VIEIRA, Antônio. *Sermões*, ed. cit., t.1, p. 591 e ss.

<sup>19</sup>NEVES, Luiz Felipe Baêta. *Vieira e a imaginação social jesuítica*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p. 188 e ss.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, João Lúcio de. *Os jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização*. Bosquejo histórico com vários documentos inéditos. 2.<sup>a</sup> ed. Belém: Secult, 1999.

BERREDO [Bernardo Pereira]. *Anais históricos do Estado do Maranhão*. 3.<sup>a</sup> ed. Florença: Typ. Barbèra, 1905, t. II.

BESSELAAR, José van den. *Antônio Vieira*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

COELHO, Geraldo Mártires. “A pátria do Anticristo: a expulsão dos jesuítas do Maranhão e Grão-Pará e o messianismo milenarista do Padre Vieira”. *Luso-Brazilian Review*, (37), 1, 2000, p. 17-32.

MOREIRA, Eidorfe. “Os sermões que Vieira pregou no Pará”. In: \_\_\_\_\_. *Obras reunidas*. Belém: Cejup, 1989, v. IV.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. *Vieira e a imaginação social jesuítica: Maranhão e Grão-Pará no século XVII*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

PÉCORA, Alcir. *Teatro do Sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. São Paulo: Edusp, 1994.

PELOSO, Silvano. *Antônio Vieira e o Império Universal*. Rio de Janeiro: De Letras, 2007.

VIEIRA, Antônio. “Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo, primeira e segunda vida de El-Rei D. João o quarto. Escrita por GONSALVIANES BANDARRA, e comentadas pelo Padre Antônio Vieira da Companhia de Jesus, e remetidas pelo dito ao Bispo do Japão, o Padre André Fernandes”. In: \_\_\_\_\_. *De profecia e Inquisição*. Brasília: Senado Federal, 2001.

\_\_\_\_\_. *História do Futuro. Livro Anteprimeiro*. Lisboa: Oficina de Antônio Pedro Galram, 1718. Ed. facsimilada. Belém: Secult, 1998.

\_\_\_\_\_. *Sermões* (org. Alcir Pécora). São Paulo: Hedra, 2000-2001, 2 v.